

panorama da Conferência Mundial de Igreja e Sociedade, Genebra 1966

É a terceira vez que, neste século, se realiza uma conferência ecumênica sobre problemas de Igreja e sociedade. As conclusões provenientes dessa reunião poderão marcar o início de uma nova e radical orientação das igrejas em relação ao mundo moderno.

Para os 410 participantes, de 80 países diferentes, a Conferência Mundial de Igreja e Sociedade será lembrada como experiência educativa impressionante; para alguns, talvez tenha sido mesmo impressionante demais.

Para o Conselho Mundial de Igrejas — o patrocinador da Conferência — e para as 223 igrejas que o constituem, a reunião de Igreja e Sociedade representou um desafio à ação no campo tecnológico, político e científico; são influências que impelem a Igreja Cristã para o centro das revoluções dos nossos dias — com sua carga de esperança e de violência.

Alguns participantes formularam sua visão do problema desta maneira: "Um mundo impaciente desafia uma Igreja paciente". Anos atrás — em Estocolmo, em 1925 e em Oxford, em 1937 — as conferências ecumênicas sobre temas sociais haviam tido influência basicamente ocidental e seu pensamento gravitava sempre em torno da Igreja. Nesta reunião, porém, cerca de dois terços dos delegados eram leigos provindos do mundo da ciência, da educação, da indústria e da pesquisa. A metade jamais havia estado antes numa reunião ecumênica internacional. Quase a metade dos delegados vinham do mundo subdesenvolvido.

Em Oxford, 1937, na opinião do Dr. W. A. Visser't Hooft, secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, reuniram-se as igrejas do hemisfério ocidental para discutir basicamente, entre elas, o desafio do Nacional Socialismo. Agora, houve um encontro real entre pessoas de quase todos os quadrantes políticos, culturais, ideológicos e eclesiais. afirmou Visser't Hooft: "Só compreendemos os riscos que corriamo, ao realizar esta conferência e fazer confrontações tão radicais, depois que as reuniões estavam em pleno andamento".

Apontou ainda três realizações imediatas da conferência:

— O encontro franco de ideologias entre cristãos de todas as partes do mundo, com um debate real de suas diferenças e características.

— A "terrível experiência pedagógica" do participante.

— A produção, "em certos aspectos", de "documentos extremamente interessantes", que po-

derão ter profunda influência sobre as igrejas nos anos vindouros.

MENSAGEM DA CONFERÊNCIA

A mensagem final da Conferência continha 10 temas principais. Afirmava:

O mundo dinâmico de hoje exige novas experiências de organização social e novas estruturas, que "poderão se verificar, em primeiro lugar, nas nações subdesenvolvidas, onde o impacto das transformações sociais é muito mais intenso".

A mensagem ainda afirma: "Estamos comprometidos com o esforço pela transformação da sociedade. No passado, atuávamos modestamente, trabalhando através das instituições estabelecidas e de acordo com as suas leis. Agora, boa parte daqueles que se dedicam ao serviço de Cristo e do próximo, assumem posição mais radical e revolucionária. Não negam o valor da tradição nem a ordem social, mas procuram nova estratégia, para que as transformações básicas da sociedade possam se verificar sem grande demora".

O "documento não esconde que" as tensões entre essas duas posições influenciarão profundamente a vida da comunidade cristã durante algum tempo. No entanto, é essencial reconhecer que a posição radical assenta solidamente na tradição cristã, devendo ocupar o devido lugar na vida da Igreja e na atual discussão sobre responsabilidade social".

A mensagem culmina com um "chamado ao arrependimento e ao reconhecimento do juízo de Deus sobre nós". Apela para uma ação mais vigorosa e efetiva, "como expressão de nosso testemunho do Evangelho no meio do mundo em que vivemos".

A Conferência conclama à ação nos seguintes setores:

— A urgente ampliação do diálogo entre técnicos, cientistas sociais e políticos e os representantes das igrejas, no âmbito regional e nacional.

— Desenvolvimento, dentro das estruturas eclesiais, inclusive o Conselho Mundial de Igrejas, de um "mecanismo dinâmico" através do qual as igrejas possam encontrar "novos caminhos para que se pronunciem, com fé e inteligência, a respeito das revoluções científicas e técnicas do nosso tempo".

— Atuação mais eficaz das igrejas e dos cristãos nas revoluções econômicas e sociais do mundo, mesmo assumindo posições que signifiquem o abalo das estruturas da sociedade.

A Conferência recomendou ao Conselho Mundial de Igrejas que estudasse a criação de um

nôo organismo "para facilitar o contacto com o número crescente de agências internacionais, no terreno científico e tecnológico"; que iniciasse "um diálogo informal com os marxistas", com o objetivo de aumentar "as possibilidades de cooperação entre cristão e não-cristãos, sem distinção de ideologia, para a conquista da paz e do progresso para toda a humanidade"; que empreendesse um estudo urgente e amplo de soluções teológicas, especialmente relacionadas com a lei, a ação revolucionária e a experiência social do homem.

PADRÕES ECONÔMICOS MUNDIAIS

No campo internacional, a Conferência enfatizou o direito que todas as nações têm de escolher seus padrões econômicos e políticos. No entanto, não acreditava que as estruturas sociais "fôssem justas, se o povo não tivesse o desejo de praticar a justiça".

Para que houvesse desenvolvimento econômico em países subdesenvolvidos, talvez fosse necessário que "profundas mudanças revolucionárias ocorressem no campo da propriedade, da renda, do investimento das despesas, da educação, da organização política e administrativa, assim como dos padrões atuais das relações internacionais".

Acentuou que as nações subdesenvolvidas talvez não pudessem percorrer o mesmo caminho que as nações desenvolvidas, no sentido de sua rápida industrialização. A união de nações desenvolvidas em mercados regionais foi encarada como a forma de incrementar seu poder de barganha no cenário internacional.

Afirmou ainda que as nações industrializadas deveriam contribuir com um mínimo de dois por cento de sua renda bruta nacional para os países subdesenvolvidos; no entanto, "compreendia que uma completa reestruturação das relações econômicas mundiais e comerciais era coisa inevitável e imperativa".

O DESAFIO DA TECNOLOGIA

"O progresso tecnológico dá à humanidade a possibilidade de eliminar a fome e a miséria da face da terra", desde que "um aumento de poder corresponda a um aumento de responsabilidade".

"Os planejamentos econômicos nacionais cada vez mais se relacionam com o aumento da justiça social. Precisamos entender esse desafio: levar a compreensão dessa necessidade à comunidade das nações.

Todas as nações, especialmente as de grande poder econômico, devem ultrapassar interesses próprios e limitados, de modo que vejam qual é sua responsabilidade numa perspectiva mundial. A Igreja, de modo claro e inequívoco, deve afirmar que há um imperativo de ordem moral atrás da cooperação econômica internacional".

"O aparecimento da ciência moderna se deu primeiramente na sociedade cuja cultura se baseava na mensagem bíblica de que o mundo era o campo de exercício para a responsabilidade do homem. Isto não aconteceu por acaso".

"Os cristãos olham confiantemente para o mundo que Deus criou e se alegram em poder desenvolver seus aspectos, e desvendar suas possibilidades". O elemento revolucionário na atual situação "consiste no poder que o homem tem de alterar e modificar seu ambiente cultural, físico e até mesmo sua natureza biológica. O homem já tem usado esses poderes e deve viver consciente da responsabilidade que daí decorre. Pois é um poder que pode "construir e libertar, ou escravizar e destruir".

A Conferência lamentou ainda os efeitos da falsa esperança messiânica baseada nos resultados da tecnologia científica". Por isso mesmo "as igrejas devem ter uma atitude de participação ativa e de crítica construtiva". O sentido do advento da tecnologia científica é que o homem não pode mais pensar de modo exclusivamente ético a respeito das opções da existência. Tem que usar a imaginação ética para fazer escolhas dentro das condições atuais.

"Nosso pensamento ético deve incluir objetivos sociais para as nossas sociedades". Por exemplo, "objetivos tecnológicos em países desenvolvidos são inadequados se não levarem em consideração as necessidades das nações subdesenvolvidas".

"Seria um erro que cada criança norte-americana tivesse uma escova de dentes elétrica, antes que cada criança latino-americana não tivesse um litro diário de leite".

Em todos os lugares, os cristãos deveriam lutar "para que fôssem financiados projetos de empreendimentos técnicos interessados na paz internacional e no aumento do nível de vida dos pobres de toda a terra".

"Lamentamos a quantidade fantástica de esforço técnico e científico que os nossos países gastam em despesas militares".

A tecnologia científica levou ao problema da participação popular nas decisões do país. "Todos

os homens, e não apenas alguns poucos, são chamados por Deus para participarem do planejamento e governo da sociedade... Quando grupos minoritários poderosos ditam as ordens, acabam por se ressentir da falta de bases e eventualmente podem até perder o rumo”.

VIOLÊNCIA E REVOLUÇÃO

Despertou grande interesse na Conferência o estudo da violência e da não-violência. A violência é uma possibilidade a que o cristão pode recorrer como “último recurso”.

A participação do cristão na vida política significa o “desafio a todos os sistemas injustos e a oposição a todos os interesses prepotentes que oprimem o homem”.

Violência não consiste somente no derramamento de sangue através de revoluções armadas. É também aquilo que condena populações inteiras ao desespero permanente, embora sem o derramamento de sangue.

A violência, no entanto, só deve ser usada “em último recurso” e em situações extremas. “É preciso examinar rigorosamente os objetivos do uso da violência, perceber claramente os perigos que ela encerra, equilibrá-la sempre com o perdão”.

A Conferência declarou que o primeiro dever do governo é evitar a guerra nuclear. “O mútuo suicídio nuclear jamais poderá estabelecer a justiça, pois destruirá tudo aquilo que o homem defender ou realizar... A guerra nuclear não é a vontade de Deus e é o maior de todos os perigos”.

VIETNAM

O conflito no Vietnam foi encarado dentro do contexto acima referido. A Conferência apelou para que “todas as hostilidades e movimentação militar cessassem e que fossem criadas condições para um acordo de paz”, através das Nações Unidas (Conferência de Genebra, 1954) ou de outras agências internacionais.

A ausência da China nas Nações Unidas foi motivo de pesar; a Conferência afirmou que as negociações de desarmamento não terão resultado satisfatório a não ser com a participação daquele país.

As igrejas devem compreender as implicações políticas e econômicas das tensões raciais e étnicas, que “são lutas de grande premência”.

Deplorou ainda a situação na Rodésia, recomendando seja levado ao âmbito das Nações Unidas, “uma vez que até o presente momento o governo britânico não tem conseguido solução justa”.

Notou também que “a escalada no Vietnam agrava o mal-estar racial, porque norte-americanos e homens que não são asiáticos lutam ao lado de asiáticos, contra asiáticos, num país asiático”.

RELAÇÕES ENTRE HOMEM E MULHER

O Conselho Mundial e suas igrejas-membro devem “estudar cuidadosamente a influência de padrões sociais mutáveis sobre o comportamento sexual no mundo atual, para a formulação de uma atitude cristã em relação aos problemas daí decorrentes”.

As igrejas reafirmam o ensinamento bíblico a respeito da santidade do casamento monogâmico. “No entanto, temos que encarar o fato de que as relações pré-conjugais e extra-conjugais são comuns em qualquer país”.

“A nova liberdade sexual provém da disseminação do uso de contraceptivos, da facilidade do anonimato nas grandes cidades, dos longos cursos universitários, técnicos e industriais. As consequências envolvem sérios conflitos pessoais, especialmente para as gerações mais novas”.

RELATÓRIOS DA CONFERÊNCIA

Seguem-se outros problemas tratados nos relatórios da Conferência:

Cristãos na vida política

O cristão procura “o bem-estar do seu próximo; portanto sua participação (na vida política) é uma forma válida de ministério. Procura criar uma sociedade responsável, na qual exista o genuíno respeito ao indivíduo, liberdade, paz e justiça para todos e o uso limitado do poder. Ele não entra na vida política por egoísmo ou desejo de poder. Reconhece que a política envolve o exercício do poder”.

Deve “escolher o partido que lhe pareça oferecer maiores possibilidades de realização de uma sociedade responsável; ali deve ficar sem a pretensão de ser melhor que os demais por causa de sua fé cristã...; com espírito de serviço deve pôr seus talentos à disposição do progresso de seu país e da humanidade”.

O poder do Estado

“Nenhum Estado exerceu, pode exercer, ou tem o direito de exercer o poder absoluto numa socie-

dade. Os cristãos e seus companheiros devem respeitar o Estado, mas não lhe podem dar a fidelidade que só a Deus é devida.

Tôdas as instituições estão sujeitas à revisão em benefício do ser humano. Portanto devemos nos certificar que o Estado se disponha a enfrentar o futuro, admitindo tudo aquilo que possibilite mudança”.

Lei

“A tendência da lei é ser conservadora e estática. Quando é somente isso, pode transformar-se num instrumento detonador de revoluções explosivas... Cumpre evitar o perigo de nos satisfazermos com leis e constituições nacionais que façam mera referência aos direitos humanos sem que éstos sejam na realidade respeitados.

Os cristãos podem recorrer a leis tradicionais sobre propriedade quando, durante gerações, os camponeses têm sido explorados pelos latifundiários?

Teologia e Ética Social

O cristão sabe, pela fé, que nenhuma estrutura da sociedade, “nenhum sistema de poder e segurança humanos” é perfeitamente justo.

“Quando o sistema se revela incapaz de se renovar e corresponder ao desejo de justiça dos que estão oprimidos, ele cai sob o julgamento de Deus... As estruturas seculares são relativas e estão sujeitas a uma constante revisão à luz das novas necessidades humanas... As revoluções estão sobre o julgamento de Deus quando fazem de sua causa uma causa absoluta, prometendo salvação final”.

Os cristãos têm esperanças “na renovação de tôdas as coisas com a vinda de Cristo; essa esperança deve estar sempre relacionada — sem desprezar a ação política — aos objetivos, ambições e temores das nações e da ordem internacional”.

Abismo entre Nações ricas e pobres

“Reconhecemos a situação de inferioridade das nações subdesenvolvidas, que compreendem mais de dois terços da população terrestre, tendo, no entanto, acesso a somente um quarto de seus recursos”. As igrejas devem desenvolver instrumentos eficazes de esclarecimento da opinião pública a respeito do fato; devem mobilizar recursos e apoiar os esforços feitos pelo governo, ou por entidades privadas e internacionais no sentido de enfrentar “êsse desafio crucial”.

Mocidade

“Provavelmente, pela primeira vez na história, testemunhamos o aparecimento de uma geração

mais nova que tem mais cultura do que as pessoas mais velhas devido à rapidez das mudanças e ao impacto da educação. Os jovens estão conscientes disso, e êsse fato altera as relações entre as gerações, mesmo que admitamos que conhecimento não é a mesma coisa que sabedoria.

Os jovens estão insatisfeitos; reconhecem que o sistema de valores sob o qual vivem não enfrentou devidamente problemas tais como guerra, justiça econômica e honestidade pública.

As preocupações dos adultos parecem girar em torno do problema do sexo. É um assunto importante, mas não o mais importante de todos. É tão importante quanto os demais problemas que preocupam os jovens e que deixam muitas vezes insensíveis os adultos”.

POSSIBILIDADES E DESAFIOS

“O mundo dinâmico em que vivemos exige novas experiências na organização social e novas estruturas” — diz a mensagem final da Conferência.

“Durante êstes dias, lembramo-nos das novas perspectivas que existem para o homem, assim como dos novos perigos que o ameaçam”.

Os temas que mais atenção despertaram foram: tecnologia moderna, necessidade de mudanças fundamentais nas relações entre nações desenvolvidas e nações subdesenvolvidas, luta pela paz mundial.

O Rev. Paul Abrecht, secretário da Conferência afirmou: “Esta Conferência desafia as estruturas do mundo, as igrejas e o Conselho Mundial de Igrejas. Agora temos que fazer uma nova avaliação do nosso trabalho”.

O Dr. Eugene Blake, futuro secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, recentemente eleito, fez afirmações que talvez resumam o sentido da Conferência:

“A Igreja deve estar e lutar ao lado daqueles que não podem sozinho vencer sua luta por justiça, liberdade e igualdade. É um risco para a Igreja que sempre resulta em controvérsia. No entanto, estou convencido de que êsse é o lugar onde a Igreja deve ficar: O lugar certo, na hora certa. É o único meio de que o cristão dispõe para ajudar a sua Igreja a participar na transformação da sociedade”.

Redação de Vaughan Hinton, do Conselho Australiano de Igrejas.
Tradução de Maria Luiza César.
Distribuição de ISAL (Secretaria Regional, Rio) e CEI.